

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA CULTURA E DA ARTE

**DE PRÍNCIPE DAS TREVAS A GALÃ JUVENIL:
A surpreendente trajetória do vampiro moderno**

NILMARA CARLA PEREIRA

BELO HORIZONTE

2010

NILMARA CARLA PEREIRA

**DE PRÍNCIPE DAS TREVAS A GALÃ JUVENIL:
A surpreendente trajetória do vampiro moderno**

**Artigo final apresentado como
requisito para conclusão do Curso de
Especialização História da Cultura e
da Arte, da Universidade Federal de
Minas Gerais**

**Orientador:
João Pinto Furtado**

BELO HORIZONTE

2010

RESUMO

Este artigo analisa a transformação do mito moderno do vampiro, que passou de um monstro temido e repugnante à encarnação contemporânea do príncipe encantado, símbolo do mais puro amor romântico. A análise será focada, principalmente, na comparação iconográfica entre a série “Crepúsculo”, criada pela escritora Stephanie Meyer e transformada em filmes de grande sucesso mundial, e o “Drácula de Bram Stoker”, obra do diretor Francis Ford Coppola, que apresenta uma reeleitura do vampiro mais famoso de todos os tempos. Veremos que, através das imagens desses dois seres fantásticos, será possível apontar características das sociedades que as criaram e compreender a trajetória de redenção traçada pelo vampiro, ser mitológico que simboliza as profundas transformações ocorridas ao longo do século XX e no início deste século XXI.

Palavras-chave: Vampiro, Drácula, série Crepúsculo, mitos, mudanças culturais.

ABSTRACT

This article analyzes the transformation of the modern myth of the vampire, who spent a monster feared and repulsive to contemporary incarnation of the prince, a symbol of pure romantic love. The analysis will focus mainly on the comparison between the iconographic "Twilight" series, created by author Stephanie Meyer and turned into blockbuster movies worldwide, and "Bram Stoker's Dracula," a work of director Francis Ford Coppola, who review the most famous vampire of all time. We will see that through the images of these two fantastic creatures, you can point out features of the societies that created them and understand the path traced by the vampire redemption, a mythological character who symbolizes the profound changes that have occurred over the twentieth century and the beginning of this century.

Keywords: Vampire, Dracula, Twilight series, myths and cultural changes.

1. INTRODUÇÃO

Revistas, filmes, livros e diversos produtos da indústria cultural, além de estudos acadêmicos. Tudo dedicado aos vampiros. O tema do ser imortal que se alimenta de sangue está definitivamente em voga. Nos últimos dois anos, se tornou quase impossível não ler ou ver algum material associado às personagens da série *Crepúsculo*, criada pela escritora norte-americana, Stephenie Meyer.

A história de amor entre um vampiro e uma adolescente humana faz um estrondoso sucesso, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. De acordo com a revista *Veja*, antes mesmo do lançamento dos filmes, a obra de Meyer já era “um colossal acontecimento editorial, com 100 milhões de exemplares de seus quatro livros em circulação no mundo”¹. O dado é ainda mais surpreendente se pensarmos que o público-alvo da série é formado por adolescentes, muito mais acostumados à cultura visual da televisão e da internet do que à prática da leitura de romances de papel.

Este artigo procura compreender os motivos que explicam a transformação do mito do vampiro moderno, que deixou de ser visto como uma ameaça demoníaca e passou a ser encarado como uma versão atual do “príncipe encantado”. Para traçar essa trajetória, este trabalho irá comparar dois filmes específicos - o *Drácula de Bram Stoker*², de Francis Ford Coppola, lançado em 1992, e *Crepúsculo*³, o primeiro da série homônima, baseada nos livros de Stephenie Meyer e que chegou às telas em 2008. Através da ponte entre as duas obras, destacaremos as principais características dessa personagem folclórica e sua relação com as sociedades de dois períodos históricos distintos – a do final do XIX e a do início do XXI.

Para efeitos de análise, iremos apresentar as características de cada filme separadamente e, em seguida, faremos a comparação entre as duas versões de vampiros. Na parte final deste artigo, abordaremos as questões relativas às sociedades e culturas que produziram cada uma das versões do mito.

¹ BOSCOV, Isabela. A eterna sedução dos vampiros. *Veja*, São Paulo, Edição 2173, ano 43, n.º 28, p. 118-129, 14 de julho de 2010.

² DRÁCULA DE BRAM STOKER. *Edição de Luxo com dois discos*. Filme dirigido por Francis Ford Coppola, 1992

³ CREPÚSCULO. Filme dirigido por Catherine Hardwick, 2008.

2. O MAL EM CENA

O filme de Francis Ford Coppola é inspirado fortemente no livro de Bram Stoker e, por isso, o nome do escritor figura no título da obra cinematográfica, conforme explica o diretor norte-americano, na versão comentada do filme. E como é o vampiro de Coppola?

Na realidade, ele se apresenta de várias formas: um ancião, um jovem charmoso, um grande cão, lobo, morcego, névoa, ratos e um monstro híbrido de lobisomem e morcego. Drácula pode se transmutar, característica que é um dos atributos do vampiro criado por Stoker e que Coppola explora, em vários momentos, ao longo de seu filme. A criatura possui ainda a força de muitos homens, 20 precisamente, como enumera o professor holandês Van Helsing, encarregado da difícil missão de exterminar a figura demoníaca.



Imagem 1 – Drácula como um ancião⁴

Ao se sentir ameaçado, Drácula assume a aparência monstruosa, como se sua máscara humana não fosse mais necessária. Nesses momentos, ele se revela tal como é: uma besta, um ser dos infernos, uma criatura que deve ser odiada e temida. Desaparece por completo qualquer traço humano, o que torna mais fácil sua identificação com o mundo inferior.

⁴ Disponível em: <http://www.moviegoods.com/movie_poster/bram_stokers_dracula_1992.htm>
Acesso em: 15 dez 2010

Tal como Stoker, Coppola se baseia numa personagem histórica para construir seu morto-vivo: o nobre romeno Vlad Tepes Drácula. A referência fica evidente no prólogo do filme, quando são retratadas cenas da vida do guerreiro, como as batalhas contra os muçulmanos e sua prática para com os derrotados – o terrível método da empalação. Conforme explica a professora Gilza Gama, Vlad foi um *voivoda*, ou seja, um príncipe da Valáquia.

Um general extremamente habilidoso nas guerras, tendo, entre outras façanhas, sido o responsável pela expulsão dos alemães, dos austríacos e, inúmeras vezes, dos turcos, mantendo, assim, a unidade do país. Ele é o símbolo da independência em face do estrangeiro. Herói romeno, ele não escapou às lendas decorrentes de sua maneira tirânica de tratar os súditos. (...) A selvageria e a crueldade do guerreiro, de onde se destaca o cruel hábito de empalar suas vítimas, lhe valeu a alcunha de Tepes, o empalador, que com o passar do tempo, foi transformado em sobrenome.⁵

Para retratar Drácula, Coppola busca inspiração nessa figura polêmica, misto de herói e genocida. Iconograficamente, o vampiro é apresentado como uma personagem sinistra, de hábitos noturnos, vestido preferencialmente de negro e vermelho. A palidez e frieza da pele, os olhos e lábios vermelhos, os pêlos nas palmas das mãos, as unhas em formas de garras e os caninos salientes completam a imagem do morto-vivo, que sai da tumba para aterrorizar os humanos. Vejamos a descrição de Drácula, feita por uma das personagens principais do romance de Stoker, Mina, visto por ela e o estático marido Jonathan, enquanto caminhavam pelas ruas de Londres.

Meio surpreso e meio aterrorizado, ele (Jonathan) tinha os olhos fixos num homem alto e esguio, de nariz adunco, bigode negro e barba apontada, que também observava a menina encantadora. Seu olhar era tão duro e tão penetrante que nem sequer se apercebeu da presença de nós dois, o que me permitiu recolher dele uma perfeita imagem visual. Seu rosto ostentava um ricto de inconfundível malignidade. Seus traços fisionômicos eram duros, cruéis e sensuais; e seus enormes e alvíssimos dentes – ainda mais brancos diante do forte contraste dos seus lábios, de um vermelho escarlate – eram aguçados, como os de um animal feroz.⁶

⁵ GAMA, Gilza Martins Saldanha. *Drácula et alli: o discurso do terror*. Rio de Janeiro: Jotanesi, 1996. P.26.

⁶ STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007. P. 254.

É interessante notar que o roteirista do filme, James Hart, se preocupou em criar uma origem para Drácula, apresentando uma versão para sua transformação em vampiro: em seu rompimento com Deus, em decorrência do suicídio de sua amada, o nobre romeno crava sua espada na cruz que orna a capela de seu castelo. Dela brota um sangue abundante, que enche um cálice, sorvido pelo revoltado guerreiro. A partir daí, sua sina para as trevas está traçada. É importante destacar que tal explicação não existe no romance original, ou seja, trata-se de uma licença artística, possível já que é uma adaptação.

Stoker e Coppola associam a eternidade do vampiro ao consumo constante de sangue humano, o que se torna o atributo essencial da figura. Para ser imortal, ele deve sugar a vida de outros seres, através desse fluido vital. Por isso, o vampiro tem uma real necessidade de matar – é, portanto, um assassino por natureza, sem crises de fundo moral, como veremos, mais tarde, na criação de Meyer.



Imagem 2 – Drácula rejuvenescido pelo consumo de sangue humano⁷

Como entidade demoníaca, o vampiro é iconograficamente ligado a animais considerados inferiores, principalmente na tradição ocidental, como o lobo, o morcego e o rato, sobre os quais exerce domínio total. Drácula tanto os pode invocar como assumir sua forma física. O mais usado é o morcego, cuja analogia é evidente, visto que ambos se alimentam do sangue de suas vítimas.

O filme apresenta um Drácula ricamente trajado, com destaque para o vermelho. Coppola abusa dessa cor, tanto nas vestimentas quanto nos cenários, enfatizando a ligação com o sangue. O céu tem sempre um tom avermelhado,

⁷ Disponível em: <http://www.interfilmes.com/filme_13170_dracula.de.bram.stoker.html>
Acesso em: 15 dez 2010

enquanto os olhos vermelhos do vampiro surgem em momentos importantes do filme. Até a armadura do guerreiro Vlad, ainda humano, é vermelha.

É interessante notar que o vampiro, como ser sobrenatural, deve ser criado, ou seja, a pessoa morre como ser humano para renascer em seu novo estado. A transformação é visível – além das características de um morto, como pele fria e extremamente pálida – o vampiro exhibe dentes adaptados à função de perfurar a pele alheia. Através do crescimento dos caninos e da alteração da personalidade, Van Helsing percebe quando a vítima está se “vampirizando”.

Os mortos-vivos de Stoker e Coppola devem ser cruéis e lascivos, abandonando para trás os resquícios de valores morais e cristãos, ou seja, sua humanidade. Por isso, as vampiras são sensuais e tentam seduzir os homens, mesmo aqueles que amaram em vida. Tal atitude é explicada mais adiante, neste texto.

Para demonstrar que o vampiro pertence ao mundo do sobrenatural, o diretor utiliza-se de recursos visuais, como o uso constante de sombras, que agem de modo independente do seu dono, no caso, Drácula. Suas sombras parecem vivas e exteriorizam o que o vampiro é na realidade: uma ameaça ao corretor de imóveis, Jonathan Harker, que se encontra prisioneiro no castelo do nobre romeno, ou a Lucy e Mina, jovens que vivem na Inglaterra e que serão ameaçadas pela figura monstruosa de Drácula.

Como o próprio Coppola revela, ele utiliza as sombras como um recurso para transmitir sua concepção de que o mundo físico é alterado pela presença de um vampiro. As leis da natureza não funcionariam adequadamente sob a influência do sobrenatural. Por isso, as sombras são entidades autônomas e as gotas de um perfume, em vez de caírem, atraídas pela gravidade, sobem em direção ao teto do castelo.

3. O MITO EM MUTAÇÃO

Em pouco mais de 100 anos, o mundo sofreu enormes transformações em todas as esferas: sociais, econômicas e culturais. O mito do vampiro acompanhou esse processo e o resultado é que o vampiro do século XXI é bem diferente do criado por Bram Stoker, no final do século XIX.

A mudança é enorme e o resultado é um ser que, apesar de manter os atributos de imortal e morto-vivo, não se parece em nada com seu antepassado. Um exemplo dessa profunda alteração são os vampiros criados pela escritora Stephenie Meyer, cuja série literária foi levada para o cinema. Basicamente, a história gira em torno da adolescente Isabella Swan, que se muda para uma insignificante cidade norte-americana, perdida na fronteira com o Canadá, e que serve de lar para um clã de vampiros, que surpreendentemente vivem como humanos. O público irá descobrir essa verdade juntamente com a personagem Bella, que, já na primeira parte da película, mata a charada que envolve o misterioso Edward Cullen, aluno do segundo ano do Ensino Médio da única escola de Forks.

Como seria de se esperar de um romance, Bella e Edward se apaixonam, mas o vampiro, atormentado pela sua condição sobrenatural, resiste o quanto pode a esse amor. Já Bella, como uma típica adolescente do início do século XXI, não mede as consequências de seus desejos – ela ama Edward e o sentimento é recíproco. E isso basta. O fato dele ser uma criatura imortal e que se alimenta de sangue é um pormenor, que pode gerar alguns obstáculos, mas nada que o grande amor que os une não possa superar. O conceito de amor eterno, vivido por almas gêmeas que o destino trata de unir, é um tema forte no enredo de *Crepúsculo*.



Imagem 3 – Bella e Edward apaixonados⁸

A história de Meyer não ignora que existem vampiros do “Mal”. Ela apresenta três tipos dessas criaturas: os “vegetarianos”, que, como Edward e sua família, se alimentam apenas de animais; os “nômades”, vampiros que não têm moradia fixa e que se alimentam de humanos e os Volturi e sua “corte”, imortais que residem, há

⁸ Disponível em: <<http://blogmaneiro.com/www/blogmaneiro.com/wp-content/gallery/fotos-do-crepusculo/fotos-do-crepusculo-15.jpg>> Acesso em: 15 dez 2010

muitos séculos, em uma cidade medieval italiana e que igualmente saboreiam o sangue humano.

O foco de Meyer está nos vampiros politicamente corretos: a família Cullen, formada por quatro lindos homens e três mulheres igualmente belas. Todos se parecem com modelos de grifes famosas, bem vestidos, alinhados e dirigindo carros incríveis. A diretora do filme, Catherine Hardwicke, dedicou atenção especial ao guarda-roupa deles, optando por cores e modelos elegantes, com linhas modernas⁹. Não é preciso lembrar que a preocupação com a aparência, incluindo aí roupas, calçados e penteados, é um dos pontos em comum com o público jovem, alvo preferencial da série.

Edward Cullen, o vampiro-adolescente que irá conquistar o coração de Bella Swan e de milhões de outras jovens, ao redor do mundo, é descrito assim:

O último era esguio, menos forte, com um cabelo desalinhado cor de bronze. Era mais juvenil do que os outros. (...) Fiquei olhando porque seus rostos, tão diferentes, tão parecidos, eram completa e inumanamente lindos. Eram rostos que não se esperava ver a não ser talvez nas páginas reluzentes de uma revista de moda. Ou pintados por um antigo mestre como a face de um anjo. Era difícil decidir quem era o mais bonito – talvez a loura perfeita, ou o garoto de cabelo cor de bronze.¹⁰

Crepúsculo é uma fábula de amor e, como tal, é filmado. A diretora Catherine Hardwicke opta por seguir o tom de confiança, existente nos livros, em que Bella narra todos os acontecimentos. Apesar de ser uma história de vampiros, a personagem principal é a adolescente, fortalecendo o aspecto romântico da narrativa.

Os “closes” e os ângulos bem fechados são um dos recursos mais utilizados, com o objetivo narrativo de enfatizar as emoções das personagens. Olhos, bocas e mãos aparecem com frequência, aumentando a proximidade do público com Bella e Edward. Acompanhamos bem de perto o que se desenrola entre os dois e, assim, nos tornamos cúmplices de sua história de amor.

⁹ Ver HARDWICK, Catherine. *Crepúsculo: livro de anotações da diretora*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2009.

¹⁰ MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2008. P. 22-23.

4. UMA CRIATURA E DUAS VERSÕES

Tradicionalmente, o vampiro é apresentado como uma personagem sinistra, de hábitos noturnos, e que não hesita em matar qualquer pessoa para se alimentar. A palidez e frieza da pele, os olhos e lábios vermelhos, as unhas em forma de garras, os caninos salientes, a aparência feroz e a vida solitária e esquiva completam a antiga imagem do morto-vivo.

A série de Meyer mudou por completo essa iconografia. Lindos, educados e preocupados com o bem-estar humano, esses vampiros contemporâneos mantiveram poucas características que lembram seu antecessor: além da pele fria e pálida e a condição de morto-vivo, a força física e poderes psíquicos. Em ambas histórias, os vampiros podem ler e dominar mentes, demonstrando sua superioridade incontestável sobre os simples mortais.

Mas, ao contrário de Drácula, a família Cullen não precisa dormir em caixões cheios com sua terra natal. Na realidade, ela nem descansa – seus membros permanecem as 24 horas do dia acordados e ativos. Ao visitar a casa dos Cullen – uma construção moderníssima e repleta de paredes de vidro – Bella se espanta ao conhecer o lugar. O próprio vampiro ri da surpresa dela: “O que esperava? Caixões, calabouços e fossos?”, pergunta-lhe, parodiando os antigos filmes de terror.



Imagem 4 – Edward e a sua família de vampiros politicamente corretos¹¹

A oposição entre os Cullen e Drácula é gritante, não apenas na aparência mas nos atributos e fragilidades. Enquanto a criatura de Stoker e Coppola assume

¹¹ Disponível em: <<http://blogmaneiro.com/www/blogmaneiro.com/wp-content/gallery/fotos-do-crepusculo/fotos-do-crepusculo-2.jpg>> Acesso em: 15 dez 2010

várias formas, os vampiros de Meyer permanecem sempre com aspecto humano. As armas que tradicionalmente destroem ou enfraquecem os mortos-vivos, como água benta, crucifixos, estacas de madeira e alho, não oferecem riscos aos Cullen. E o sol, que é um dos maiores temores de qualquer vampiro tradicional, é apenas um inconveniente na história de Meyer: em vez de transformá-los em cinzas, a luz solar apenas revela que não são humanos, já que suas peles brilham como que cobertas por minúsculos diamantes.

Esse é, inclusive, o motivo dos Cullen terem escolhido a cidade de Forks para viver – o local é nevoento e chuvoso, o que colabora na manutenção do disfarce humano. Nada mais distante da iconografia do vampiro clássico – o sol não mata nem fere os vampiros de Meyer, ele apenas lhes confere um brilho angelical. Das criptas escuras ao brilho da luz – realmente a evolução dos mortos-vivos foi espantosa.

Apesar de se considerar um monstro, Edward não deseja ser um. Por isso, sua opção pelo sangue de animais, mesmo que se sinta sempre insatisfeito. O uso de outros alimentos para substituir o sangue humano não é uma característica única dos vampiros de Meyer – aparece também em *Vampire's Diaries*¹², onde o vampiro Stephan Salvatore opta, como os Cullen, pelo sangue de animais e, em *Blade*¹³, onde a personagem título usa um composto sintético como opção alimentar. Outro substituto comum, utilizado em diversas produções que abordam o assunto, são as bolsas de sangue usadas em transfusões médicas. Criaturas bem evoluídas, com milhares de anos, como os de *Crônicas Vampirescas*¹⁴, de Anne Rice, conseguem atingir a sublimação: não precisam mais se alimentar e são praticamente indestrutíveis.

A questão alimentar levanta um posicionamento moral: mesmo um vampiro pode escolher o caminho do Bem e não se tornar um assassino. Nesse sentido, basta fazer a opção, exercendo, assim, seu livre arbítrio. E, como reza a tradição

¹² SMITH, L. J. *Diários do Vampiro – o despertar*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010. É o primeiro volume da série, que originou uma série televisiva de mesmo nome e que é exibida no Brasil, através do canal Wanner Channel.

¹³ Blade é vampiro por nascimento, fato raro, já que foi transformado ainda no ventre da mãe, mordida por um morto-vivo. Defende os humanos e luta para destruir os vampiros. É a personagem principal de três filmes, com Wesley Snipes no papel-título.

¹⁴ As Crônicas de Anne Rice são compostas por vários livros, sendo que dois, “Entrevista com o Vampiro” e “Rainha dos Condenados”, já foram adaptados para o cinema. Anne Rice é uma das escritoras responsáveis pelo retorno triunfante do tema do vampiro, apresentando Lestat, um morto-vivo jovem e sensual, sintonizado com o estilo de vida do século XX, mesmo tendo mais de 200 anos de existência. Ver RICE, Anne. *Entrevista com o Vampiro*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

grega do herói e a história cristã dos mártires, é uma escolha difícil, cheia de incertezas e que exige uma dose enorme de sacrifício pessoal.

Outro aspecto importante a se destacar e que não vemos na versão tradicional do vampiro é a vontade de manter a interação com a humanidade. Como Edward explica, os vampiros “vegetarianos” não são comuns, nem aqueles que optam por ter residência fixa. No caso dos Cullen, eles são ainda mais incomuns, pois vivem como uma família, um grupo de sete membros, que causa espanto em seus semelhantes. O mais velho do clã e que transformou a maioria deles, Carlisle Cullen, é surpreendentemente um médico, que trabalha no hospital da cidade e se dedica a salvar vidas humanas. Seu autocontrole é tão grande que, mesmo vivendo cercado por sangue humano, consegue executar seu ofício com perfeição.

É possível dizer que *Crepúsculo* se dirige especificamente ao público feminino e, para agradar esse segmento, os vampiros se adaptam: tornam-se mais suaves, gentis, românticos. Análise semelhante é feita por Rita Ribeiro:

Crepúsculo não é um filme de terror. Assim como *True Blood* e *Blood Ties* (séries de TV), o sobrenatural é um elemento diferenciador do personagem do vampiro, que, nem de longe, ocupa o lugar central. Nessas três séries os vampiros gravitam em torno de mulheres. Vemos aí uma nova abordagem do vampirismo. Os três personagens deixam de ser monstros aterradores e se transformam nos novos príncipes encantados do milênio. Eles garantem proteção às mulheres amadas, poder e juventude. E, é claro, são produtos midiáticos destinados mais ao público feminino. As belas, portanto, domesticaram as feras.¹⁵

O vampiro perde sua áurea assassina e assume um papel mais intimista, com crises existencialistas e fortes valores morais. Ele sai do campo do sobrenatural, das velhas lendas, para entrar no campo do amor romântico. Nada mais distante do Drácula original, de Stoker, que não tem sentimentos ou remorsos por matar. Ele sabe que é um monstro e não tem problema em assumir seu papel com maestria.

Mas, em 1992, quando o filme de Coppola é lançado, a tendência romântica já é perceptível. O Drácula que surge nas telas não é o mesmo ser cruel e insensível que aparece nas linhas do romance inglês. O diretor norte-americano opta por

¹⁵ RIBEIRO, Rita. *Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. P. 14-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1707-1.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2010.

humanizar sua figura, envolvendo-o em uma áurea de amor e paixão. Tal sentimento é usado, inclusive, para justificar sua transformação em monstro: ao se revoltar contra Deus, em decorrência da morte da amada, ele rompe com toda a humanidade e assume sua morte em vida. Como morto-vivo, atravessa os séculos, lamentando o amor perdido. Devemos salientar que o romantismo não é uma exclusividade do mundo contemporâneo, mas, em nossa análise, a sua associação com o mito do vampiro merece destaque.

Nesse ponto, encontramos uma diferença crucial entre Drácula e Edward Cullen: enquanto o primeiro rejeita Deus e a humanidade, o segundo acredita em alma, inferno e que a vida humana é valiosa. O vampiro de Stoker sabe que está condenado e que não há salvação: apenas a destruição física pode lhe trazer paz. Já as criaturas de Meyer procuram viver o mais humanamente possível, freqüentando escolas, trabalhando e convivendo em família. Apesar de acreditar que sua alma está condenada, por ser o que é, Edward não perde a esperança de encontrar sua alma gêmea. E é o que acontece, quando encontra seu par em Isabella Swan. Como em um conto de fadas, Meyer transforma um vampiro em príncipe encantado e uma adolescente comum em Cinderela. O amor pode assim ser literalmente eterno.

5. A BUSCA DA BELEZA E DA JUVENTUDE

O mito do vampiro, que aborda a imortalidade e a possibilidade de se permanecer para sempre jovem e belo, se encaixa perfeitamente nos desejos da sociedade atual. Os homens e mulheres contemporâneas anseiam por se manterem ou, pelo menos, parecerem eternamente jovens. Edward Cullen torna-se, então, um símbolo desse desejo.

Ao analisar a trajetória dos monstros no cinema e nas produções da mídia, percebemos que o mito do vampiro hoje, com mais intensidade, se faz presente desde os filmes, histórias em quadrinhos, RPG, livros e seriados de TV. Entre todos os personagens difundidos pela mitologia midiática o vampiro é o que exerce maior fascínio, principalmente entre o público jovem. Um mito essencialmente urbano, que se acoberta pelas ruas e becos escuros das cidades, o vampiro

fascina, pois reúne os ideais de juventude e beleza eternas, do sexo pelo poder de sedução, e da fortuna. Em nossa sociedade, cada vez mais espelhada nos valores do consumo e da busca pela juventude eterna, quem melhor poderia encarnar tal espírito? O vampiro vai, ao longo do século XX, deixando de ser o grande vilão e se humanizando, se transformando, aos poucos, no herói das histórias.¹⁶

A personagem Bella, apaixonada pelo vampiro, se preocupa intensamente com esta questão: se ela não for transformada logo, ficará mais velha e, portanto, longe do ideal de beleza que é associado à imortalidade. Por isso, insiste repetidamente com Edward para sua transformação: ela deseja permanecer tão jovem quanto ele, vampirizado aos 17 anos, em 1918.

Tal como Bella, o público se encanta com esse estilo de vida dos vampiros – vivem em casas de luxo, dirigem carros impressionantes, se vestem com roupas de grife e são, acima de tudo, absurdamente lindos e dedicados à família. O que mais uma mulher poderia desejar ?

Meyer coloca em sua história boas porções de amor e ação, abordando vários temas do universo adolescente, como a sensação de inadequação social, de solidão, de incertezas no futuro e de crença em um amor eterno e salvador. Tais sentimentos são explorados através da relação de Bella com o mundo que a cerca, como a família, os amigos da escola, o melhor amigo lobisomem e o namorado vampiro. Bella expõe o que sente – é ela que conduz o fio da narrativa, tanto nos livros quanto nos filmes.

Um dos motivos de *Crepúsculo* ter alcançado tamanho sucesso se deve à sua identificação com o público adolescente. Bella é uma jovem de 17 anos, em fase de amadurecimento, que se considera desastrada, feia, inadequada nas diversas situações do dia a dia. E principalmente, indigna da sorte de merecer o amor dedicado pelo incrível, maravilhoso e lindo Edward.

Ao ver meu reflexo pálido no espelho, fui obrigada a admitir que estava mentindo para mim mesma. Não era só fisicamente que eu não me adaptava. E quais seriam minhas chances aqui, se eu não conseguisse achar um nicho em uma escola com trezentas pessoas? Eu não me relaciono bem com as pessoas da minha idade. Talvez a verdade seja que eu não me relaciono bem com as pessoas, e ponto final. (...) Às vezes eu me perguntava se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Talvez houvesse um problema no meu cérebro.¹⁷

¹⁶ RIBEIRO, Rita. *Do vermelho-sangue ...* op. cit. p.4.

¹⁷ MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. p. 17.

A adolescência, essa fase da vida considerada complexa pela sociedade contemporânea, tem merecido uma atenção especial de estudiosos e do mercado publicitário. Os dramas e dúvidas, tão comuns aos adolescentes, são um dos pontos abordados pela série *Crepúsculo*, através principalmente de Bella e de Edward, que apesar de ser centenário, age e pensa ainda como um adolescente.

Esse aspecto da sociedade atual pode ser identificado no filme, que, como um documento histórico, reflete ideais e tendências de pensamento de uma época. Por isso, o cinema se oferece ao historiador como uma fonte rica, que muitas vezes revela a essência de um período ou de um grupo social. Como escreveu Marc Ferro, o filme deve ser abordado “não como uma obra de arte, porém como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele vale por aquilo que testemunha.”¹⁸

Crepúsculo é um artigo cultural, produzido pela maior e mais poderosa indústria cinematográfica do mundo, que é a norte-americana. Como todo negócio, ela visa o lucro e viu no tema uma possibilidade de investimento, principalmente por se dirigir a um público que tem merecido atenção especial dos publicitários mundiais: o segmento *teen*. Essa parcela da população está ligada a um dos aspectos mais explorados pela sociedade contemporânea: a preocupação com a beleza e com o culto ao corpo.

As imagens de corpos humanos esculpidos, seja por exercícios físicos e dietas, seja pela eficiência das técnicas cirúrgicas, invadem todos os veículos de comunicação. Filmes, novelas, anúncios e os mais diversos programas de televisão divulgam o ideal do corpo perfeito – sarado e saudável. O conceito de beleza se amplia e passa a englobar igualmente o de saúde, já que pessoas “fora de forma” tornam-se, pelo senso comum, às mais propensas a apresentar problemas clínicos.

Além do culto exacerbado a determinado tipo de beleza física, podemos identificar outras características da sociedade do início deste século, que é a retratada em *Crepúsculo*. O princípio de indeterminação da ciência, a descrença nas metanarrativas, o predomínio da mídia na representação do mundo, a explosão da informação e de suas tecnologias, o capitalismo global e o indivíduo humano irônico, cínico, fragmentado e “esquizofrênico” são aspectos desse mundo - chamado por alguns estudiosos de pós-moderno e por outros de pós-industrial - e que criou uma

¹⁸ FERRO, Marc. “O Filme: uma contra-análise da Sociedade” IN: LE GOFF e NORA. História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. p. 203.

nova imagem para o vampiro. Como explica Ernani Lampert: “Antigos valores cultuados pela sociedade são cambiados e novas perspectivas são criadas. Quase tudo gira em função do capital e da beleza. Há apelos de imagens sexuais por toda parte. Há uma preocupação exagerada com o corpo, a higiene e a saúde.”¹⁹

O mundo contemporâneo é marcado pela fragmentação, pluralismo e individualismo, aspectos originados em decorrência de fatores diversos como as mudanças na organização do trabalho e o declínio da nação-estado.²⁰ O homem do nosso tempo é, com certeza, bem diverso do que viveu ao longo do século XIX.

6. O mundo vitoriano

Bram Stoker, ao escrever *Drácula*, foi influenciado pela sociedade a que pertencia. Em sua obra, transparecem aspectos da Inglaterra vitoriana, como a submissão feminina ao matrimônio e ao marido; a superioridade da civilização branca ocidental, principalmente a inglesa, em comparação com povos da Europa Oriental, considerada como uma terra exótica e selvagem; a importância crescente da ciência como resposta a todos os problemas e a definição clara dos papéis sociais de cada indivíduo.

O público se identificou com sua obra, desde sua primeira edição em 1897, fazendo dela um grande sucesso. E quem eram os leitores de Stoker ?

O público leitor da era vitoriana consistia, em sua maior parte, da burguesia urbana, fortemente impregnada das tendências de sua época. Tendo acesso a uma educação de qualidade, tendo sido a empreendedora da ‘aventura econômica, científica e técnica do século XIX’, a um tempo esta burguesia estava sequiosa de novas formas e desejava de resguardar seus valores. Isto levou os romancistas a fazerem incursões em terrenos novos, mas sempre orientados pela atitude científico-positivista que determinou o clima intelectual de sua época. Com o desenvolvimento de novas áreas do conhecimento no século XIX, o discurso literário passou a ser interpenetrado por uma série de outros discursos como, por exemplo, o discurso médico-científico.²¹

¹⁹ LAMPERT, Ernani (org.). *Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 26.

²⁰ Ver KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p.132

²¹ MARTINS, Alexandre Sobreira; CURY, Maria Zilda Ferreira; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Drácula e os vitorianos: um estudo das relações entre o romance de Bram Stoker e os leitores do período vitoriano*. 1993 enc. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas

A preocupação com a ciência aparece em *Drácula*, já que o vampiro, entidade sobrenatural, é destruído com a ajuda de dois médicos, considerados cientistas – Van Helsing e Seward. O professor holandês é tido como um sábio, conhecedor das verdades do cérebro e do ocultismo. Apesar de detentor do conhecimento científico, ele não menospreza a tradição popular e as credences folclóricas. Graças a essa sabedoria milenar, ele derrota o vampiro, entidade não-reconhecida pela ciência oficial.

Em *Drácula*, a ciência, seus métodos, saberes e instrumentos são usados como armas contra o vilão que nomeia o romance, e assim a obra, apesar de estar mais bem situada no gênero de horror que de ficção científica, realiza algo que talvez seja muito mais eficiente na divulgação, entre o público leitor, de uma noção positiva de ciência: personifica a idéia do cientista como detentor da chave de um conhecimento que não é perigoso, mas, ao contrário, útil à humanidade.²²

O século XIX, ao qual pertence Stoker, é também o referencial para suas personagens. O romance burguês vitoriano, conforme explica Alexandre Martins, se caracteriza por temáticas biográficas, psicológico-sociais, familiares e de costumes, que congelavam seus atores em papéis sociais marcados: “Eles não são mais indivíduos, mas pais, amantes, esposas, camponeses, proletários, pequenos burgueses”²³.

Tal afirmação é bem visível em *Drácula*: as mulheres são devotadas completamente ao matrimônio, momento mais aguardado de suas vidas, e os homens são honrados e cavalheiros da mais fina nata, até mesmo um texano do Novo Mundo. A moral cristã é a firme norteadora de todas as ações e aqueles que a ignoram são marginalizados. É o que ocorre com os loucos e com os vampiros, que deixam brotar toda a perigosa sensualidade, sufocada duramente no período vitoriano. Por isso, a luta pela alma das mulheres vampirizadas é tão importante –

Gerais. p. 24-25.

²² ROCQUE, L. de L. e TEIXEIRA, L. A.: *Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura*. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001. p. 22.

²³ MARTINS, Alexandre Sobreira; CURY, Maria Zilda Ferreira; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Drácula e os vitorianos... op. cit. p. 27*.

como representantes máximas da família, sua ruína é também a queda da estrutura social vigente.

Stoker, como seus pares, valoriza uma visão de mundo que ressalta a superioridade da burguesia. Mina, Jonathan, Van Helsing, Morris e Seward são belos exemplares do valor dessa classe, que produz pessoas fortes, corajosas, sábias e honradas. Os únicos nobres que surgem no romance do escritor irlandês são Arthur, noivo da desventurada Lucy, e o Conde Drácula. O inglês, apesar de homem honrado e valoroso, é uma personagem secundária, quase uma marionete nas mãos dos outros. Drácula é o vilão sanguinário, que, em vida, matou milhares, e como morto-vivo, perpetua sua trajetória de iniquidades.

Quanto aos membros da classe inferior, aparecem apenas flashes esporádicos, na figura de marinheiros e camponeses assassinados, de domésticos devotados aos patrões e ciganos ardilosos e interesseiros, que são contratados pelo perigoso conde.

É interessante notar que o mal secular, representado pelo vampiro, resiste em um local distante da civilização, na Europa Oriental, considerada pelos ingleses, como lugar exótico e estranho. Já a Inglaterra é apresentada como o centro do mundo moderno, tanto que atrai Drácula, desejoso de retornar ao burburinho humano.

A ideia do vampiro pertencer a um passado já esquecido é recorrente na abordagem do tema. A literatura contemporânea, o cinema, os seriados de TV e as histórias em quadrinho estão lotados de exemplos. Um dos mais conhecidos é o vampiro Lestat, criado pela escritora norte-americana Anne Rice: trata-se de um jovem nobre francês do século XVIII, transformado por um vampiro já cansado de viver, devido aos milênios de vida. Outro exemplo são os irmãos Salvatore, da série literária e de TV *Vampire's Diaries*, que são transformados na Florença Renascentista. E todos esses vampiros nobres europeus acabam por se mudar para a América. Esse deslocamento geográfico revela a transferência de poder ocorrida ao longo do século XX, da Europa para os Estados Unidos.

A saga de Lestat, nesse sentido, é ilustrativa de como a mentalidade social sofreu profundas mudanças desde o século XIX. Enquanto no período vitoriano, o vampiro era uma figura medonha, que se esgueirava por catacumbas e cemitérios, no final do século XX e início do XXI, ele se torna um pop star. Lestat deseja viver plenamente, expondo-se para os humanos, revelando sua verdadeira natureza

através de uma banda de rock. O vampiro cansa de esconder sua presença e se torna um ídolo pop, adorado pela mídia e milhões de fãs.

O vampiro de Stoker não se sentiria sozinho em nosso tempo, já que, além de Lestat, encontraria vários de seus semelhantes tornando-se astros de grandes produções hollywoodianas. No mundo contemporâneo, há espaço para o mal e para o bem, até porque a dicotomia entre os dois polos é bastante tênue em muitos casos. Como Coppola, que humanizou o Drácula do século XIX, e Meyer, que criou um vampiro apaixonado e sensível, a sociedade atual não acredita mais no mal puro. Como diz um ditado popular, “de médico e louco todo mundo tem um pouco”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos últimos 100 anos, a imagem do vampiro sofre uma profunda transformação quando comparada com a iconografia clássica do mito: Edward Cullen é um lindo rapaz, romântico e encantador, que, como o restante de sua família, optou por abandonar o sangue humano para manter sua condição de ser social, que vive em família e em comunidade.

A sede por sangue não os subjuga como no caso de Drácula e dos vampiros tradicionais. Os Cullen optaram por sua humanidade e renegam o lado sombrio do sobrenatural. Exaltam o sagrado laço da família e do amor, defendendo uns aos outros com todo o poder que a imortalidade lhes concede. Visualmente, se assemelham aos anjos, já que sua pele brilha ao sol e seus olhos assumem um tom dourado.

Como as imagens permitem perceber o mundo, o vampiro contemporâneo, tal como construído por Meyer, revela uma sociedade que, apesar de valorizar o amor romântico, é capaz de tornar esse sentimento um poderoso produto de mercado, gerador de receitas milionárias. Um mundo bem diverso do que criou Drácula, que acreditava em rígidos papéis sociais e valores morais, muitos dos quais questionados na atualidade.

Sociedades diversas, cada uma valorizando sua própria versão do mito do vampiro. Impiedoso ou romântico, sociável ou solitário, bom ou mal, a imagem do

vampiro está ligada à busca pela vida eterna, um desejo humano que continua atravessando o tempo.